

microcíticos e o RDW-SD em VCM normocíticos e macrocíticos. Os resultados do presente estudo demonstraram que apenas na normocitose os resultados de RDW-CV e RDW-SD apresentam relação para detectar anisocitose. Isso pode ser explicado porque o RDW-CV é um desvio padrão da largura do histograma ao nível de aproximadamente 68,2% de frequência dividido pelo VCM e o RDW-SD é a largura do histograma ao nível de 20%. **Conclusão:** O analista clínico deve estar atento aos resultados de RDW-CV e RDW-SD na interpretação de anisocitose, principalmente nos hemogramas microcíticos e macrocíticos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.717>

ANÁLISE DE PADRÕES HEMATOLÓGICOS COMO FERRAMENTA PREDITIVA PARA AVALIAR O RISCO DE ÓBITO EM PACIENTES COM COVID-19



AP Silva, AC Lira, MV Diniz, AVD Nascimento,
WRC Silva, GR Aguiar, VR Silva, K Lima

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife,
PE, Brasil

Objetivos: Desde sua ascensão no final de 2019, o SARS-CoV-2 infectou mais de 200 milhões de pessoas e causou mais de 4 milhões de mortes no mundo. Apesar das complicações no trato respiratório serem o principal sinal da infecção pelo vírus, alterações em outros sistemas corporais foram associadas à evolução da doença. Dentre elas, alterações hematológicas e imunológicas têm sido descritas e usadas para determinar o prognóstico da doença, pois achados como a linfopenia, plaquetopenia e neutrofilia parecem refletir na severidade dos pacientes. **Materiais e métodos:** Trata-se de um estudo transversal realizado a partir dos dados de 100 (cem) pacientes internados na UTI COVID do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco (HC-UFPE). Foram coletados, a partir de arquivos médicos, os dados referentes aos valores de hemoglobina e das contagens absolutas dos leucócitos totais, linfócitos, neutrófilos e plaquetas. Os níveis desses parâmetros foram comparados entre os pacientes que receberam alta da UTI ($n=52$) ou evoluíram para o óbito ($n=48$). A mediana dos valores entre os grupos foi usada para encontrar a significância estatística que justificasse o desfecho da doença, relacionado ao óbito ($p < 0,05$). **RESULTADOS:** Ao serem comparados aos pacientes que receberam alta, o grupo que evoluiu a óbito obteve valores menores na dosagem da hemoglobina (9 g/dL contra 13 g/dL, $p < 0,001$), valores maiores de leucócitos totais (10.770/mm³ contra 10.170/mm³, $p=0,05$) e neutrófilos (8.645/mm³ contra 7.725/mm³, $p=0,03$). Apesar do grupo que evoluiu a óbito também apresentar menores valores de plaquetas (220.000/mm³ contra 238.500/mm³, $p=0,09$) e linfócitos (710/mm³ contra 950/mm³, $p=0,07$) ao comparar-se ao grupo de alta, não se observou significância estatística. **DISCUSSÃO:** O presente estudo mostrou que, em pacientes com Covid-19 internados em UTI, altos valores de leucócitos totais e neutrófilos e baixos valores de hemoglobina estão significativamente relacionados ao óbito. O aumento de leucócitos e neutrófilos teria

sido relacionado com a co-infecção com outros patógenos hospitalares, enquanto que a diminuição da hemoglobina pode ser causada pelo aumento da IL-6, visto que, essa encontra-se aumentada na doença promovendo a elevação da hepcidina, que inibe a absorção do ferro e afeta a síntese de hemácias. Embora não tenha sido observada significância entre os valores de linfócitos de pacientes que receberam alta ou morreram, é possível observar que os linfócitos estão abaixo ou no limite inferior do valor normal, podendo ser um fator associado à gravidade geral e não ao óbito nas UTIs. **CONCLUSÕES:** Observamos que pacientes com Covid-19 em estado grave têm marcadas alterações hematológicas. Dentre elas, os valores baixos de hemoglobina foram os mais preditivos em pacientes que progrediram para o óbito ou alta. Sendo assim, a hemoglobina deve ser considerada na avaliação de risco dos pacientes e investigada quanto a sua participação na doença.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.718>

ANÁLISE TEMPORAL DA EXECUÇÃO DE HEMOGRAMAS PELO SUS NO PARÁ ENTRE OS ANOS DE 2011-2020



JVO Moraes^a, CVCD Nascimento^b, EQ Sales^c,
AC Lopes^c, EQ Sales^c, AVSVD Berg^b

^a Faculdade Metropolitana da Amazônia (FAMAZ),
Belém, PA, Brasil

^b Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém,
PA, Brasil

^c Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA,
Brasil

Objetivos: O hemograma é um exame complementar simples e recorrente, por isso, analisar a sua execução pelo Sistema Único de Saúde (SUS) pode revelar disparidades sociais, econômicas e regionais. Assim, objetiva-se investigá-lo em âmbito ambulatorial, durante os anos de 2011 a 2020 no estado do Pará. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo retrospectivo e quantitativo, realizado com a coleta dados do Sistema de Informação de Ambulatoriais do SUS (SIA/SUS), do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), no período de 2011 a 2020, por local de atendimento, com filtro de procedimentos para hemograma completo. Além disso, utilizou-se dados da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), para os cálculos demográficos da taxa. **Resultados:** Como resultados obtivemos total de 22.052.164 hemogramas no período, com média de 26,75 na taxa de realização de hemogramas para 100 habitantes (tH), sendo a maior em 2019 com 28,43 e a menor em 2020 com 24,97 - menor valor no intervalo estudado. Calculando-se a variação desse índice, na comparação com o ano anterior, obteve-se média de -0,27%, taxas negativas em 2013 (-3,85%), 2015 (-0,39%), 2016 (-0,53%) e a menor em 2020 com -12,18%; e taxas positivas em 2012 (3,52%), 2014 (2,96%), 2018 (1,89%), 2019 (0,03%), a maior em 2017 com 6,07%. Em relação aos municípios, Pau D'Arco obteve o maior valor no intervalo com tH de 68,26, seguido por São Geraldo do Araguaia (66,26) e Piçarra (64,99), a capital Belém figura em 16º lugar com 43,32, acima